DA DISTÂNCIA NASCE A SAUDADE DOS MACRÓBIOS (*)

Djacir Menezes

Blanchard Girão renova-me o convite para continuar estas notas dominicais no O POVO, várias vezes interrompidas e retomadas a longos intervalos. A verdade é que sempre me agrada conversar com alguns amigos e vários fantasmas de tempos idos, que inda vivem na Praça do Ferreira e no coração do velho jagunço. Não imaginam os jovens do Instituto com que prazer me precipito aos livros de evocações da velha Fortaleza. Que o digam Mozart Aderaldo e Vladir, pois nem sempre os autores se lembram de saciar minha gula.

O famoso cantor José Mojica, na década de 20, visitou Fortaleza, (cuja Praça do Ferreira ainda resistia, com o coreto do Moésio Rolim, aos ensaios demolidores de alguns prefeitos inimigos do boticário). Pois o famoso frade, que trocou as glórias do écran pelas esperanças do Céu, comunicou ao repórter, que o acolitava, a impressão que lhe dava o logradouro na manhã clara de domingo preparado para ele, com o fervilhar da gente domingueira: "Parece um arraial da Ásia menor". Da Ásia Menor daqueles anos, com fraternidade de árabes, semitas e camelos, unidos pelos mesmos sentimentos cristãos, como queria S. Francisco de Assis. Naquela praça bendita quase todo mundo, alegre, de brim branco, vindo das missas, bisbilhotava nos cafés, até que aparecia Euclides Cesar, recrutando os "espirituais confrades" para a sessão da Polimática.

(*) Transcrito de "O Povo" de 15/04/84.

Da distância, no tempo, nasce a saudade. Sabeis, ó jovens, o que é a distância? Não, não sabeis, e só o passar dos anos pode insinuar-vos na alma uma réstea desse sentimento. Nem eu me comprometo a trazer, para este grunido dominical, assuntos evocativos e locais.

Sempre me faltou o que sobra no querido historiador Raimundo Girão: isenção e equilíbrio de análise. Já nasci partidário. Quando leio os isentos (Taine, Herculano, Varnhagen) tenho a malícia de escavar o subsolo, para desenterrar convicções ocultas. Quem leu a correspondência do Capistrano sabe que Varnhagen cobrou do Imperador o título de Visconde em paga da História que escrevia para lustrar a glória bragantina. Em nossa terra, os historiadores rescendem ao agiilizarmos ao rabelismo, quando historiam certas fases do passado heróico mais próximo. Depois com o andar dos anos, acabaram todos sorrindo de gregos e troianos e recitando, quando aludiam às refregas memoráveis: "mudam as cotias, mas o capinzal é o mesmo"...

Quem achar que, pela amostra deste retalho de hoje, vou escrever com a incoerência das lembranças, ao léu da máquina, acertou.

Sigo, porém, a lição de um mestre no cronicar. O velho Machado começa uma crônica falando no Basílio de Magalhães cassa a guerra de Canudos (guerra, hein?), e termina citando Tennyson. Outro jornalista muito lido que fazia crônicas no "Correio do Ceará", do seu Mendes, noutro estilo chamava-se Manesinho do Bispo; – e, pelo visto, deixou prole. Não me refiro ao Marquês de Maricá. Um Pedro II admirava e isso basta.